

Caminhos sagrados: a influência das festas religiosas na Morfologia Urbana em Ouro Preto, cidade colonial brasileira

Júlia Beatriz de Souza Briet da Silva^a  e Patrícia Regina Chaves Drach^b 

^a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Programa de Pós-graduação em Urbanismo (PROURB), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: brietjuliab@gmail.com

^b Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Patrimônio (PPGAP), Petrópolis, RJ, Brasil.
E-mail: patricia.drach@gmail.com

Submetido em 14 de abril de 2025. Aceito em 17 de setembro de 2025.
<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i1.448>

Resumo. Durante o Antigo Regime, a relação entre a Igreja Católica e o Estado era intrínseca. Profundamente atrelada à formação das cidades coloniais brasileiras, a Igreja desempenhava diversos papéis, dentre eles ser responsável por organizar a vida social e influenciar a estruturação desse espaço urbano. Os festejos religiosos, por sua vez, reforçavam essa centralidade ao mobilizar a população em torno dos ritos e procissões que percorriam a cidade. Nesse contexto, a presente pesquisa analisa a influência da festividade da Semana Santa no município de Ouro Preto (MG) e sua relação com o eixo que marcou a configuração urbana da cidade até meados do século XX. Através do método de análise relacional entre Morfologia Urbana e práticas festivas, espera-se demonstrar como as festas religiosas influenciam e interferem na configuração espacial da cidade, evidenciando sua importância na formação e transformação do tecido urbano.

Palavras-chave. Morfologia Urbana, festejos religiosos, caminho-tronco, Semana Santa, Ouro Preto

Introdução

A formação das cidades coloniais no Brasil esteve diretamente ligada à Igreja Católica, que além de exercer suas funções religiosas, desempenhava um papel central tanto na organização social quanto na estruturação espacial das novas povoações. Como instituição mais estruturada no território, a Igreja era uma espécie de cartório: registrava nascimentos, casamentos e óbitos, além de gerenciar hospitais, orfanatos e cemitérios. De acordo com Torres (1968),

A prova de idade era dada pelo batistério, e casamento só na Igreja. Igualmente, cemitério, só os religiosos. Não havia, assim, área na vida civil que não fosse cercada das bênçãos da Igreja, com o apoio material do Estado.[...] Os clérigos eram funcionários encarregados de ministrar os sacramentos e todos conhecem o espanto do piedoso Saint-Hilaire ao ouvir do

padre mineiro a resposta a seu agradecimento pelas atenções que tivera pelo “camarada” do naturalista, morto em viagem: “Sou pago para isto”. Era pago para ministrar os sacramentos; os juizes pagos para ministrar a justiça; os soldados pagos para guerrear. Empregos diversos no serviço “de Deus e del-rei” que sempre estavam juntos (Torres, 1968, p. 40).

Levando-se em consideração que a organização tecidual das cidades não são aleatórias, mas condicionadas por fatores culturais, econômicos, sociais e políticos (Rego & Manegueti, 2011), somado ao fato da Igreja já influenciar nos aspectos administrativos e sociais, é certo que também intervinha na configuração espacial das cidades coloniais brasileiras. Sendo assim, é notório observar que a divisão do espaço urbano era claramente marcada pela presença das igrejas, conventos e capelas, que eram

elementos centrais tanto nas ruas quanto nas praças, organizando a cidade em torno de uma lógica religiosa. Ademais, os caminhos viários em formação não apenas ligavam os diferentes assentamentos, mas também os templos religiosos da região.

No caso da Vila Rica d'Albuquerque, futura Ouro Preto e objeto de estudo desta pesquisa, um dos caminhos de maior destaque era a “estrada tronco”, trajeto nomeado por Sylvio de Vasconcellos (1956, p. 107), em sua obra *Vila Rica: formação e desenvolvimento* - residências, considerado na época o mais importante e transitado. Ligando as três matrizes – Pilar, Antônio Dias e Santa Efigênia –, esse eixo servia como ponto central de uma rede rizomática que se unia a partir dos principais arraiais da época. Ainda hoje a estrada tronco permanece sendo um importante referencial urbano, abrigando não só as matrizes, mas também diversos comércios, museus, instituições de ensino e edifícios históricos, que mantêm a vitalidade econômica e cultural do Centro Histórico da cidade. Nesse ponto, cabe destacar que esse trajeto também se configura como um cenário privilegiado para diferentes festividades ao longo do ano, muitas delas de caráter religioso, como é o caso da Semana Santa e Corpus Christi.

A Semana Santa em Ouro Preto, uma das mais emblemáticas do país, transforma o Centro Histórico em um atuante palco de manifestações religiosas, onde a arquitetura colonial e os ritos católicos se entrelaçam para criar uma ambiência única. Assim, o centro se metamorfoseia, as ruas do caminho-tronco são revestidas por tapetes de serragem colorida, que delineiam os percursos das procissões. Ganhando novas cores, sons e sentidos, a arquitetura, os rituais e a ocupação do espaço urbano criam uma experiência imersiva, na qual passado e presente se enlaçam continuamente.

É nesse entrecruzamento temporal e espacial que esta pesquisa se insere para compreender como o caminho-tronco e a festividade se ressignificam mutuamente, preservando-se ao longo dos séculos, como elementos estruturantes da vida cultural e religiosa de Ouro Preto. Sendo assim, o objetivo principal é analisar a influência da festividade da Semana Santa no Centro Histórico do

município de Ouro Preto com a estrada tronco. Como objetivos específicos, têm-se: 1) Analisar a Morfologia Urbana das cidades coloniais, conectando-a às festividades religiosas; 2) Explorar o conceito da estrada tronco e sua aplicação no contexto da festividade estudada; e, por fim, 3) Investigar o papel da tradição religiosa nas transformações e preservação da Morfologia Urbana.

Diante disso, a pesquisa adotou o método de análise relacional entre a Morfologia Urbana e as práticas festivas, envolvendo a interseção de fontes históricas, cartográficas e bibliográficas. O procedimento metodológico teve início com o levantamento cartográfico, que consistiu na digitalização das plantas do Centro Histórico e no georreferenciamento dos pontos de interesse litúrgico, incluindo igrejas, capelas, “Passos da Paixão” e praças de encontro.

Em seguida, procedeu-se à identificação das rotas processionais, registrando em planta os trajetos percorridos pelas principais procissões da Semana Santa, diferenciando-os entre os anos pares e ímpares, conforme a alternância paroquial. Na etapa da sobreposição de camadas, as rotas litúrgicas foram integradas à malha urbana, possibilitando a identificação de interseções com eixos viários estruturantes, como ruas históricas de maior conectividade, eixos comerciais e acessos principais.

Posteriormente, foram verificadas as características físicas dos percursos – incluindo largura das vias, relação entre o gabarito das edificações e a escala do cortejo, visadas e enquadramentos cênicos –, elementos fixos, como templos e monumentos, e efêmeros: tapetes, ornamentações e palanques. Por fim, a leitura sincrônica e diacrônica comparou os itinerários atuais com registros históricos, permitindo avaliar permanências, adaptações e eventuais deslocamentos de rota ao longo do tempo. Sendo assim, o método parte da premissa de que a cidade não é um mero palco para os festejos, mas um elemento dinâmico que interage com as práticas culturais.

Ademais, a Morfologia Urbana – configuração espacial da cidade, seus eixos de circulação e padrões de ocupação – orientaria a forma como as festas acontecem, ao mesmo

tempo em que essas festividades, especialmente por meio dos ritos e procissões, ressignificariam e reforçariam a permanência de determinados traçados urbanos ao longo do tempo.

Por fim, espera-se demonstrar como as festas religiosas influenciam e são influenciadas pela configuração espacial da cidade, evidenciando sua importância na formação e transformação do tecido urbano.

A formação da cidade ouropretana e seus caminhos

Existiam alguns meios pelos quais uma cidade colonial brasileira poderia se formar. Um deles começava com a doação de terras por parte de grandes proprietários rurais para a criação de um patrimônio religioso, pertencente ao santo padroeiro. Nessas terras, construía-se uma capela que se tornava o centro da comunidade. Porém, o reconhecimento oficial da povoação pela Coroa Portuguesa só acontecia quando a capela era elevada à categoria de freguesia (paróquia).

A outra forma era por meio das bandeiras. Caracterizadas por serem expedições organizadas a partir da Vila de São Paulo de Piratininga, que desde o final do século XVI já se consolidava como o principal centro de organização dessas incursões, as bandeiras e seus respectivos bandeirantes avançavam pelo sertão do território com diferentes objetivos. Inicialmente, o foco era a captura de indígenas para serem escravizados e utilizados nas lavouras paulistas, justificando essa prática por meio da chamada “guerra justa”. Contudo, a partir do final do século XVI, a busca por metais preciosos passou a ser utilizada como um pretexto para encobrir esse interesse primário (Fonseca, 2011, p. 59).

Foram os bandeirantes que, no decorrer dessas expedições, encontraram as primeiras jazidas de ouro às margens dos rios em Minas Gerais. Até o final do século XVII, as descobertas auríferas ainda eram escassas e pouco compensadoras, levando muitos colonos a se engajarem nas bandeiras prioritariamente pela captura de mão de obra indígena. Assim, os assentamentos formados nesses deslocamentos não tinham, em um primeiro momento, o propósito de povoamento definitivo, mas, com o tempo, algumas dessas

localidades passaram a atrair mais habitantes, consolidando-se até alcançarem a nomeação de vilas. Interessante pontuar que, apesar de serem abrigos temporários, sabe-se que esses assentamentos já possuíam pequenas capelas improvisadas para servirem de locais de devoção e proteção divina aos bandeirantes (Lemos et al., 2016).

Dessa forma, a história de Ouro Preto segue esse mesmo padrão de formação, diferenciando-se apenas por não ter sido encontrada por bandeirantes oficialmente designados pelo rei, mas por pequenas expedições informais, oriundas da Vila de Taubaté (Fonseca, 2011). Instalados ao longo da serra no interior de Minas Gerais, o processo de instalação foi gradual e adaptado ao terreno montanhoso da região. Esse fenômeno é típico da Morfologia Urbana portuguesa, com fusão entre as formas de construção vernaculares e eruditas. Ou seja, a cidade se molda às características naturais do espaço mas, ao mesmo tempo, apresenta elementos de organização e regularidade em seu planejamento (Silva, 2022).

Nesse sentido, a Morfologia Urbana – que estuda a forma, a estrutura e a evolução do tecido urbano – revela que a cidade seria resultado da interação entre o meio físico, a cultura portuguesa e os processos sociais e econômicos da época. Assim, sua trama urbana seria além de uma resposta ao relevo acidentado da serra, uma expressão da adaptação prática às condições locais, características das cidades portuguesas coloniais, na qual a combinação de traçados regulares das áreas centrais se funde com as ruas sinuosas e irregulares adaptadas à topografia. Conforme López-Gómez (2023), essa organização do espaço urbano também reflete a influência de dinâmicas sociais e de poder, como a rivalidade cooperativa entre grupos religiosos e sociais, que molda e redefine continuamente a forma da cidade em resposta às condições locais.

No ano de 1711, a região ocupada foi elevada à Vila, constituída pela união dos arraiais de “Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias” e de “Nossa Senhora do Pilar”, os mais influentes da época, ficando conhecida como Vila Rica d’Albuquerque. Isso fez com que a organização religiosa fosse alterada. Enquanto a maior parte dos assentamentos da época

possuía apenas uma igreja matriz, Vila Rica possuía diversas paróquias em seu território. Dentre elas, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz do Arraial Antônio Dias, e a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, matriz do Arraial do Ouro.

À medida que a Vila se amplificou, uma rede de caminhos se fundou formando as primeiras hierarquias viárias da região. Dentre esses trajetos, destaca-se o “caminho-tronco”. Nomeado por Sylvio de Vasconcellos (1956,

p. 107), esse percurso era responsável por ligar as três matrizes da época: Pilar, Antônio Dias e Santa Efigênia. Sendo assim, ao adentrar a Vila por Passa-Dez, é possível perceber que, de acordo com a Figura 1, a primeira região encontrada através desse trajeto era o Cabeças. Em seguida, o Rosário, o Pilar, o Antônio Dias, a Santa Efigênia e, por fim, o Padre Faria, no qual direcionava-se para a Vila do Carmo (futuramente cidade de Mariana).

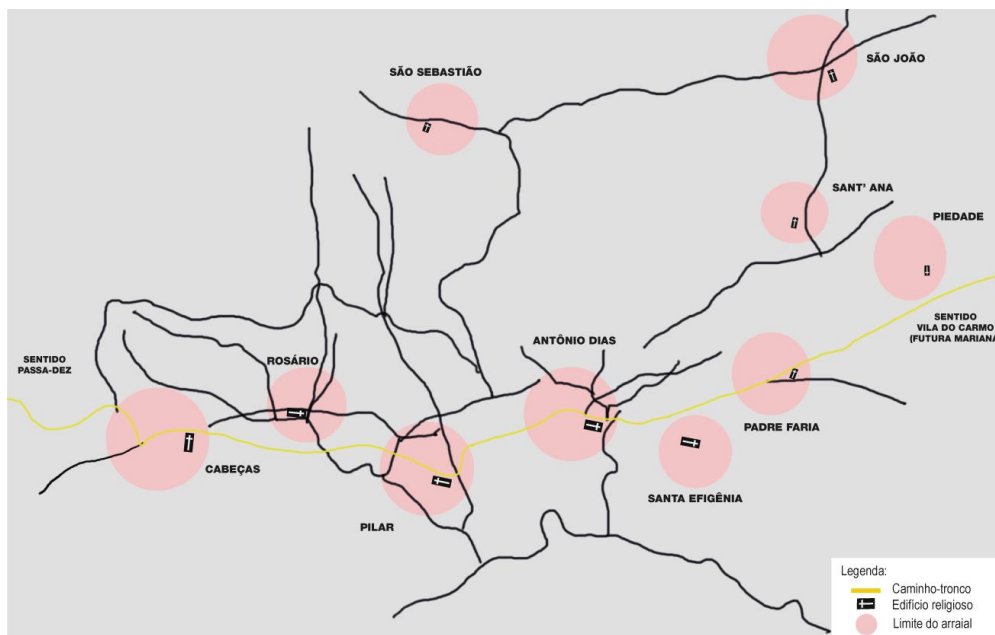


Figura 1. Croqui esquemático do caminho-tronco (fonte: elaborada pelos autores)

A hierarquia viária é um elemento crucial na Morfologia Urbana, pois define as principais conexões espaciais e formais que estruturam o crescimento e a circulação dentro da cidade. Em Ouro Preto, o caminho-tronco funciona não apenas como via de ligação entre as áreas religiosas centrais, mas também como eixo organizador do espaço urbano, conferindo significado social e político às vias principais.

A influência da Igreja Católica na Vila Rica d'Albuquerque era tão significativa que não apenas os templos, mas os eventos religiosos também moldavam a malha urbana local, já que as festas seriam um marco do período de abundância do ouro extraído na região (Bandeira, 1938). Um exemplo marcante é o Triunfo Eucarístico, evento que ocorreu em 24 de maio de 1733 e ficou conhecido como a primeira grande festa barroca na região mineradora¹.

Com o objetivo de aprimorar a capela existente, os fiéis da Igreja de Nossa Senhora

do Pilar decidiram reformá-la, o que exigiu a transferência temporária do Santíssimo Sacramento para a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de modo que as missas não fossem interrompidas. Após a conclusão das obras, a paróquia retornou com o Santíssimo à Igreja do Pilar, promovendo, portanto, uma procissão que ficou conhecida como Triunfo Eucarístico.

Esse evento teve um impacto direto na organização do espaço urbano. Para garantir a passagem do Santíssimo Sacramento entre a Capela do Rosário e a Igreja do Pilar, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário optou por abrir uma nova via (Figura 2). Segundo Salgado (2010), essa via era chamada de Rua do Paredão, em referência ao muro de arrimo construído para superar o acentuado desnível do terreno. Atualmente, ela corresponde à Rua Doutor Getúlio Vargas, que estabelece a conexão entre a São José — uma das mais movimentadas do Centro

Histórico — e a Praça Silviano Brandão, facilitando o acesso à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e às ruas adjacentes.

A intervenção para criar a Rua do Paredão exemplifica como a religiosidade e os eventos culturais atuam diretamente sobre a

Morfologia Urbana, promovendo transformações na malha viária e criando novas conexões espaciais. Esse fenômeno reforça o papel da Igreja Católica como agente urbanizador nas cidades coloniais ibero-americanas, no qual o espaço sagrado organiza e regulariza o tecido urbano.

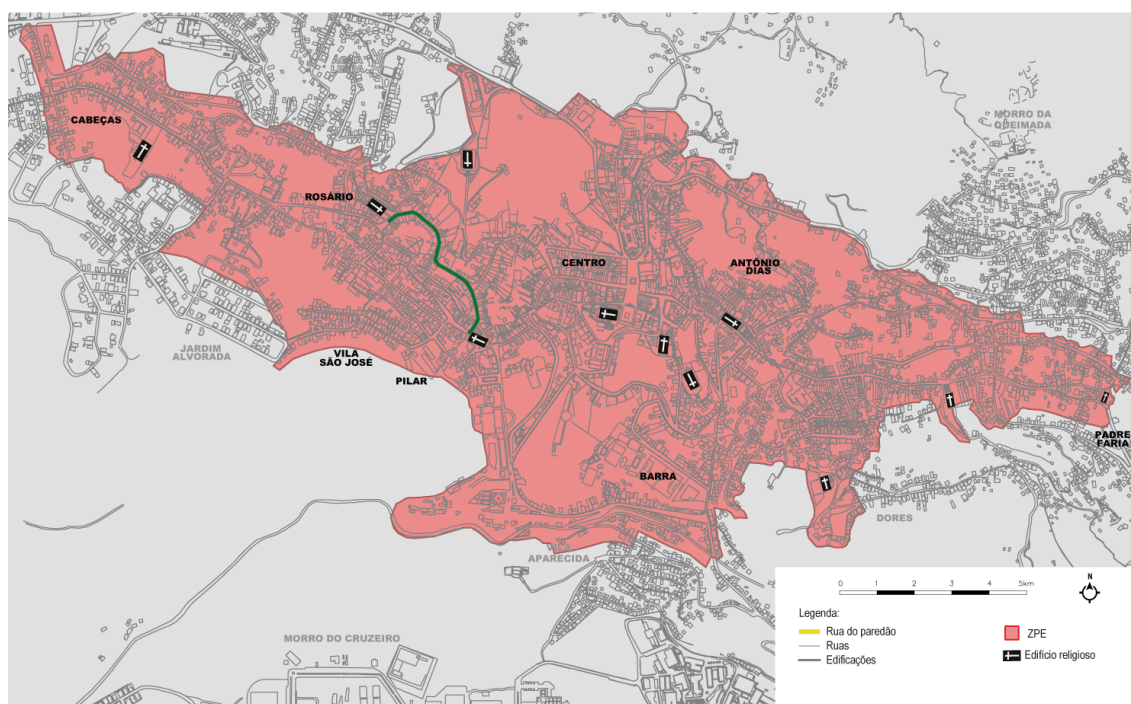


Figura 2. Via aberta para abrigar o Triunfo Eucarístico (fonte: elaborada pelos autores)

Atualmente, o município de Ouro Preto preserva sua importância histórica e cultural e foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1980. Apesar da expansão urbana e da presença de 12 distritos, além do distrito-sede, no qual se localiza a Zona de Proteção Especial (ZPE), ou seja, o Centro Histórico, essa região continua sendo um dos principais polos da cidade. Abrigando prédios públicos administrativos, instituições de ensino, como a Escola de Minas, o Instituto de Filosofia, Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (IFAC-UFOP), além de diversos museus e o Horto dos Contos, o Centro Histórico mantém sua relevância tanto para a população local quanto para os visitantes. Além disso, o comércio vibrante, as tradicionais repúblicas estudantis e as numerosas residências reforçam a dinâmica urbana do local.

Sendo assim, é possível observar através da Figura 3, que mesmo diante da expansão do

território, o caminho-tronco que historicamente estruturou a circulação na cidade, segue desempenhando um papel fundamental na mobilidade e conexão entre os diferentes espaços urbanos existentes na região.

No contexto contemporâneo, a preservação do Centro Histórico e a delimitação da Zona de Proteção Especial (ZPE) revelam o desafio da Morfologia Urbana em promover a coexistência entre a expansão urbana e a conservação do patrimônio histórico. Conforme destacado pela escola *Conzeniana*, o tecido urbano não apenas cumpre uma função prática ao servir como guia para a orientação espacial, mas também possui um valor intelectual e histórico ao conectar o indivíduo com a evolução temporal da cidade (Whitehand, 2001). Além disso, seu valor estético contribui para a experiência sensível e emocional dos habitantes. Nesse sentido, a manutenção do caminho-tronco como eixo estruturante demonstra a importância dos traçados originais na identidade urbana e na

funcionalidade da mobilidade da cidade, ressaltando o diálogo entre o crescimento e a preservação, que se manifesta no

reconhecimento e valorização do significado histórico, funcional e visual do tecido urbano.

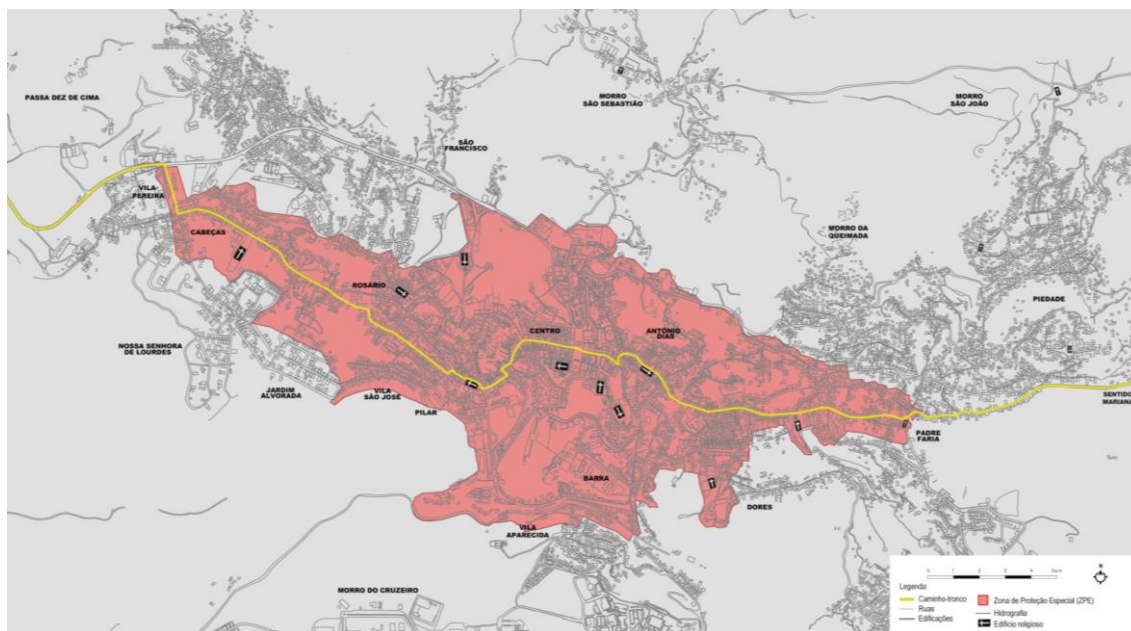


Figura 3. A atual ZPE e o caminho-tronco de Ouro Preto (fonte: elaborada pelos autores com base no Mapa Cadastral de Ouro Preto)

A festividade da Semana Santa ouropretana

A Semana Santa é o momento central da liturgia católica romana e tem como objetivo relembrar a paixão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. O início desta celebração parte do Domingo de Ramos, no qual comemora-se a entrada de Jesus na cidade de Jerusalém para a realização de seu mistério pascal, e finaliza no domingo seguinte, conhecido como Domingo da Ressurreição ou Domingo de Páscoa, dia mais importante no calendário cristão. Nele, se comemora a ressurreição de Jesus Cristo, sendo um dia de grande alegria e esperança para a comunidade cristã, com serviços religiosos festivos, incluindo a Missa e a Procissão da Ressurreição.

Durante toda a semana, a liturgia se intensifica e se desdobra em rituais que mesclam silêncio, reflexão e solenidade, conduzindo os fiéis por uma jornada espiritual que rememora os últimos passos de Cristo. Marcado por ser um período que ultrapassa os limites do templo e transforma o espaço urbano em palco da fé, a Igreja Católica expande sua atuação para além dos muros sagrados e ocupa as ruas, ladeiras e praças com uma série de celebrações que envolvem toda a comunidade.

É nesse momento que o tecido urbano se converte em território litúrgico. As procissões e encenações invadem os espaços públicos, resignificando-os temporariamente como locais de devoção e memória coletiva. A primeira grande manifestação desse ciclo é a Procissão do Encontro, na qual duas imagens – geralmente a de Nossa Senhora das Dores e a do Senhor dos Passos – partem de pontos diferentes da cidade e se encontram simbolicamente no centro, em um momento marcado pela emoção e pelo canto do “Sermão do Encontro”. A partir daí, sucedem-se diversas outras procissões e atos litúrgicos, que seguem uma cronologia simbólica até culminar no Domingo de Páscoa, com a Procissão da Ressurreição. Essa última, ao contrário das anteriores marcadas por tons fúnebres, é celebrada com alegria, flores e música, representando a vitória da vida sobre a morte e encerrando a Semana Santa com um sentimento de renovação e esperança.

É nesse processo de transbordamento do sagrado para o espaço urbano que a Semana Santa encontra, em Ouro Preto, um dos seus cenários mais emblemáticos. Desde o século XVIII, esse período litúrgico transforma a antiga capital do ouro em um imenso palco de fé, arte e memória. As ruas coloniais se enchem de fiéis e espectadores, e o cotidiano

urbano cede lugar a uma atmosfera profundamente marcada pela devoção católica e pela continuidade das tradições.

Ao longo dos séculos, a cidade soube manter viva essa celebração, mesmo em meio aos conflitos históricos que marcaram a sua formação. Como observa Pereira (2017), ainda no auge da exploração aurífera, a festa já era o principal acontecimento da metrópole do garimpo, sendo atravessada pelas tensões entre paulistas e portugueses, que disputavam espaço e influência no território urbano. Tal rivalidade, dividida simbolicamente pelos dois lados do morro de Santa Quitéria, deu origem a uma dinâmica singular: a alternância anual da organização da festa entre as duas grandes paróquias da cidade: Nossa Senhora do Pilar, responsável nos anos pares, e Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, nos anos ímpares.

Essa alternância que perdura até os dias atuais, garante que a Semana Santa em Ouro Preto se renove ano a ano, tanto nos percursos das procissões quanto na centralidade das celebrações litúrgicas. A cada edição, a paróquia organizadora, em conjunto com a comunidade local, as irmandades religiosas e diferentes movimentos pastorais, estrutura um calendário rico e simbólico, divulgado com antecedência por meios impressos e digitais.

A partir desse esforço coletivo e planejado, ganha forma uma celebração profundamente enraizada na tradição, no qual o Centro Histórico passa a expressar, por meio de sua estrutura física – ruas, casas e igrejas – a intensidade do momento vivido. É nesse cenário que se destaca a ornamentação das vias públicas, caracterizada pela composição de panos nas janelas das fachadas dos casarões coloniais e pelos tapetes devocionais confeccionados na noite anterior à Procissão da Ressurreição.

Remontando o Triunfo Eucarístico, o costume de pendurar toalhas nas janelas das residências tem origem portuguesa e representa uma demonstração pública de fé e reverência. Cada cor utilizada tem um significado simbólico específico: no Domingo de Ramos, são usadas toalhas vermelhas, lembrando a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, uma vez que o vermelho remetia à realeza; durante o Tríduo Pascal, o roxo predomina, simbolizando o sofrimento e a paixão; já no Domingo de

Páscoa, as toalhas brancas representam a vitória de Cristo sobre a morte, ou seja, sua Ressurreição.

Quanto aos tapetes devocionais, embora tradicionalmente associados à celebração de Corpus Christi – como uma forma de homenagem ao Santíssimo Sacramento –, em Ouro Preto, eles também são confeccionados durante a festividade da Semana Santa. Essa particularidade remonta às tradições do século XVIII, já que durante o cortejo do Triunfo Eucarístico, a antiga Vila Rica D’Albuquerque era enfeitada com esculturas sacras, objetos litúrgicos e ornamentações nas vias públicas (Lopes & França, 2024). Os tapetes que unem memória, estética e religiosidade nas ruas do Centro Histórico são confeccionados principalmente pelos moradores locais, cuja responsabilidade é passada de geração a geração.

Por fim, entre os momentos mais marcantes estão as procissões – verdadeiros cortejos cênico-religiosos que percorrem o Centro Histórico, envolvem moradores e visitantes, e já serviram de inspiração para poetas, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Murilo Mendes. Mesmo com certa repetição de trajetos, cada procissão carrega nuances próprias, e algumas preservam itinerários fixos pela força simbólica dos seus significados. Dentre elas, tem-se a primeira procissão da Semana Santa: a Procissão do Encontro que possui três percursos.

No primeiro, a imagem de Nosso Senhor dos Passos, parte do Santuário de Nossa Senhora da Conceição, percorre as ruas Bernardo Vasconcellos e Cláudio Manoel – esta última amplamente conhecida como Rua do Ouvidor – até alcançar a Praça Tiradentes. Simultaneamente, a imagem de Nossa Senhora das Dores sai da Igreja das Mercês de Cima, segue pela Rua Padre Rolim e também chega à Praça Tiradentes. É nesse ponto que os dois cortejos se encontram, unificando-se em uma única procissão. A partir daí, o percurso continua pela Rua Conde de Bobadela, mais popularmente chamada de Rua Direita, atravessando a Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua São José, Praça Silviano Brandão, Rua Getúlio Vargas, Largo do Rosário, Rua Donato da Fonseca, Rua Conselheiro Santana e, por fim, a Praça Monsenhor João Castilho Barbosa,

finalizando na Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Vale destacar que, ao longo desse caminho, são visitados os chamados “Passos da Paixão”, nos quais os fiéis realizam breves paradas diante das capelas (ermidas) distribuídas ao longo da rota. Construídos por intermédio da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos para substituir as estruturas efêmeras existentes, esses pequenos templos que abrigam um altar, representam os momentos da Paixão de Cristo, desde a condenação até a crucificação, e permanecem fechados durante todo o ano, sendo excepcionalmente abertos para esse momento solene.

Outra que mantém seu trajeto fixo é a Procissão da Solenidade. O cortejo tem início na Basílica de Nossa Senhora do Pilar, seguindo pela Praça Monsenhor João Castilho

Barbosa e continua pelas ruas Conselheiro Santana e Donato da Fonseca. Em seguida, passa pelo Largo do Rosário, Rua Getúlio Vargas, Praça Silviano Brandão e Rua São José. O percurso continua pela Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua Conde de Bobadela (popularmente conhecida como Rua Direita), Praça Tiradentes, Rua Cláudio Manoel, Rua São Francisco de Assis, encerrando-se na Igreja de São Francisco de Assis.

Já os trajetos das Procissões do Fogaréu, do Enterro e da Ressurreição variam conforme o ano, seguindo a lógica de alternância entre as paróquias organizadoras. Através do quadro síntese da Tabela 1, é possível observar os pontos de partida, de chegada e os percursos correspondentes de cada uma dessas procissões, conforme o ano – ímpar ou par – em que são realizadas.

Tabela 1. Trajetos das procissões principais, de acordo com os anos (fonte: autoras)

Procissão	Ano ímpar	Ano par
Fogaréu	Origem: Igreja de São Francisco de Assis. Chegada: Capela de Nossa Senhora das Dores. Trajetos: Largo de Coimbra, Rua São Francisco de Assis, Rua Bernardo de Vasconcellos, Praça Antônio Dias, Largo Marília de Dirceu, Rua Santa Efigênia, Rua Barão do Ouro Branco, Rua Coronel Serafim, Rua Tenente Pereira Filho.	Origem: Igreja de São Francisco de Assis. Chegada: Passo da Cruz às Costas. Trajetos: Rua São Francisco de Assis, Rua Cláudio Manoel, Praça Tiradentes, Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua São José, Rua Conde de Bobadela, Praça Tiradentes, Rua Cláudio Manoel, Rua Bernardo Vasconcelos.
Enterro	Origem: Igreja de São Francisco de Assis. Chegada: Santuário de Nossa Senhora da Conceição. Trajetos: Largo de Coimbra, Rua São Francisco de Assis, Rua Cláudio Manoel, Praça Tiradentes, Rua Senador Rocha Lagoa, Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua São José, Praça Silviano Brandão, Rua Getúlio Vargas, Largo do Rosário, Rua Donato da Fonseca, Rua Conselheiro Santana, Praça Mons. João Castilho Barbosa, Praça Américo Lopes, Rua do Pilar, Rua Paraná, Rua Conde de Bobadela, Praça Tiradentes, Rua Cláudio Manoel, Rua Bernardo Vasconcellos, Praça Antônio Dias.	Origem: Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Chegada: Santuário Nossa Senhora da Conceição. Trajetos: Largo do Rosário, Rua Getúlio Vargas, Praça Silviano Brandão, Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua Conde de Bobadela, Praça Tiradentes, Rua Cláudio Manoel, Rua Bernardo de Vasconcelos.

Ressurreição	Origem: Santuário Nossa Senhora da Conceição. Chegada: Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Trajeto: Praça Antônio Dias, Rua Bernardo Vasconcellos, Rua Cláudio Manoel, Praça Tiradentes, Rua Conde de Bobadela, Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua São José, Praça Silviano Brandão, Rua Getúlio Vargas, Largo do Rosário, Rua Donato da Fonseca, Rua Conselheiro Santana e Praça Mons. João Castilho Barbosa.	Origem: Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Chegada: Santuário Nossa Senhora da Conceição. Trajeto: Basílica de N. Sra. do Pilar, Praça Mons. João Castilho Barbosa, Rua Conselheiro Santana, Rua Donato da Fonseca, Largo do Rosário, Rua Getúlio Vargas, Praça Silviano Brandão, Rua São José, Praça Reinaldo Alves de Brito, Rua Conde de Bobadela, Praça Tiradentes, Rua Cláudio Manoel, Rua Bernardo Vasconcellos.
--------------	--	---

Os trajetos das Procissões do Fogaréu, do Enterro e da Ressurreição (Tabela 1) apresentam uma dinâmica particular que reflete a lógica ritualística e organizacional das paróquias de Ouro Preto. Diferente de outras procissões com roteiros fixos, essas variações estão diretamente ligadas ao sistema de alternância anual entre as paróquias responsáveis, revelando uma dimensão temporal e simbólica no uso do espaço urbano.

Conforme exposto na Tabela 1, os percursos dessas procissões não apenas mudam de ponto de partida e chegada, como também reconfiguram a ocupação das vias e a articulação entre diferentes setores da cidade histórica, dependendo se o ano é ímpar ou par. Essa alternância imprime uma flexibilidade espacial às celebrações, reforçando a ideia de um território sagrado em constante ativação e negociação. Ao mesmo tempo, evidencia o papel das procissões como agentes modeladores do tecido urbano, ainda que de forma efêmera e cíclica, instaurando trajetos que, embora temporários, deixam marcas na memória coletiva e no uso ritual da cidade.

Dessa forma, a festividade da Semana Santa em Ouro Preto se revela como uma prática que vai além do ritual religioso, tornando-se também um modo de viver e habitar o Centro Histórico. Sendo assim, percebe-se a necessidade de voltar o olhar para a própria forma da cidade – seus caminhos, suas estruturas e sua lógica espacial – a fim de investigar como a Morfologia Urbana contribui para a realização e permanência dessas práticas ao longo do tempo.

Cruzamento

A análise proposta neste estudo concentra-se na Procissão da Ressurreição, considerada a mais importante de todas as festividades da Semana Santa no Centro Histórico de Ouro Preto. Como já mencionado, essa procissão que ocorre na manhã do Domingo de Páscoa, incorpora um forte simbolismo de renovação e vitória da vida sobre a morte, e representa, em muitos sentidos, o ápice das celebrações religiosas que mobilizam toda a cidade ao longo da semana. Sendo assim, destaca-se através da Figura 4, o trajeto percorrido pela procissão (cor roxa) contempla não apenas o cortejo religioso em si, mas também a confecção dos tradicionais tapetes devocionais ao longo do percurso.

A partir desse trajeto, propõe-se o cruzamento com o chamado caminho-tronco (cor amarela), mencionado anteriormente como o eixo primordial da formação da cidade, através da Figura 5.

Ao comparar os dois percursos, observa-se a ampla sobreposição entre o trajeto da Ressurreição (cor roxa) e o caminho-tronco (cor amarela), reforçando a hipótese de que a festividade se estrutura sobre os mesmos eixos que moldaram a cidade.

Apenas uma parcela do trajeto – representada em roxo na Figura 6 – não se sobrepõe a esse caminho fundacional. Tal trecho, no entanto, não parece destoar do discurso simbólico que permeia a festa. Acredita-se que a escolha por essa parcela – mais especificamente o segmento destacado em verde escuro – esteja relacionada ao fato de essa via ter sido aberta especialmente para o Triunfo Eucarístico. Além disso, acredita-se que tal desvio tenha

ocorrido em virtude da influência posterior dos Passos, já que esses foram construídos posteriormente para substituir as estruturas

efêmeras montadas ao longo da Procissão da Ressurreição.

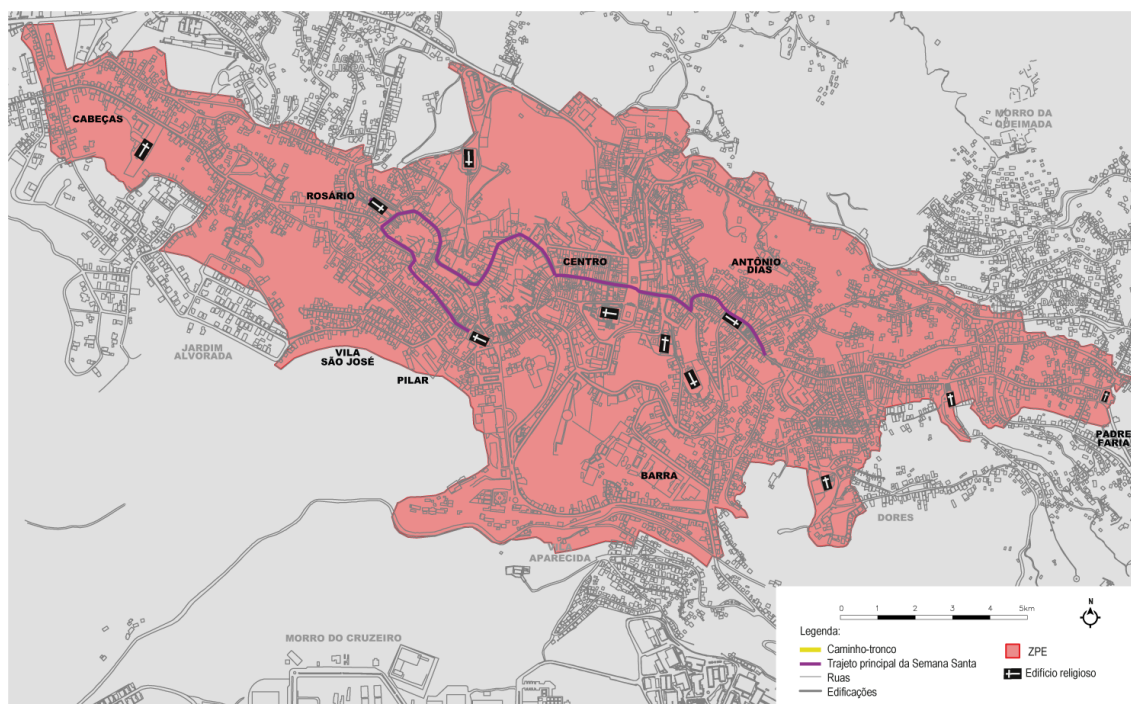


Figura 4. Trajeto principal da Semana Santa no Centro Histórico de Ouro Preto - MG (fonte: elaborada pelos autores)

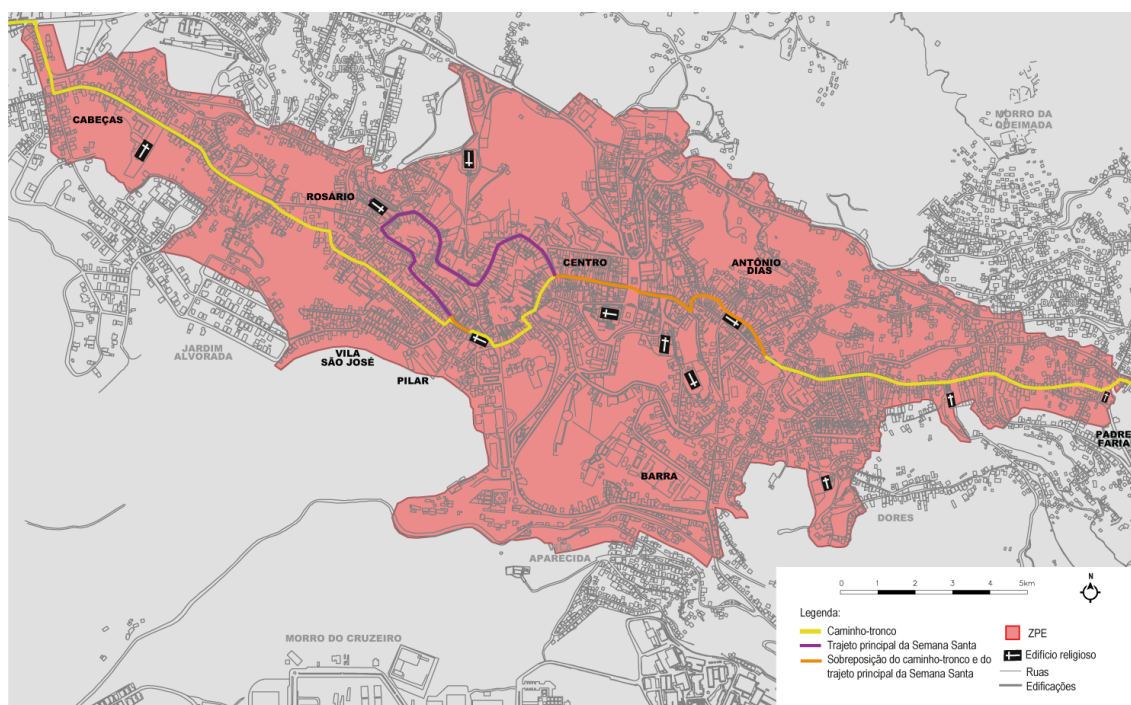


Figura 5. Trajeto principal da Semana Santa sobreposto no caminho-tronco (fonte: elaborada pelos autores)

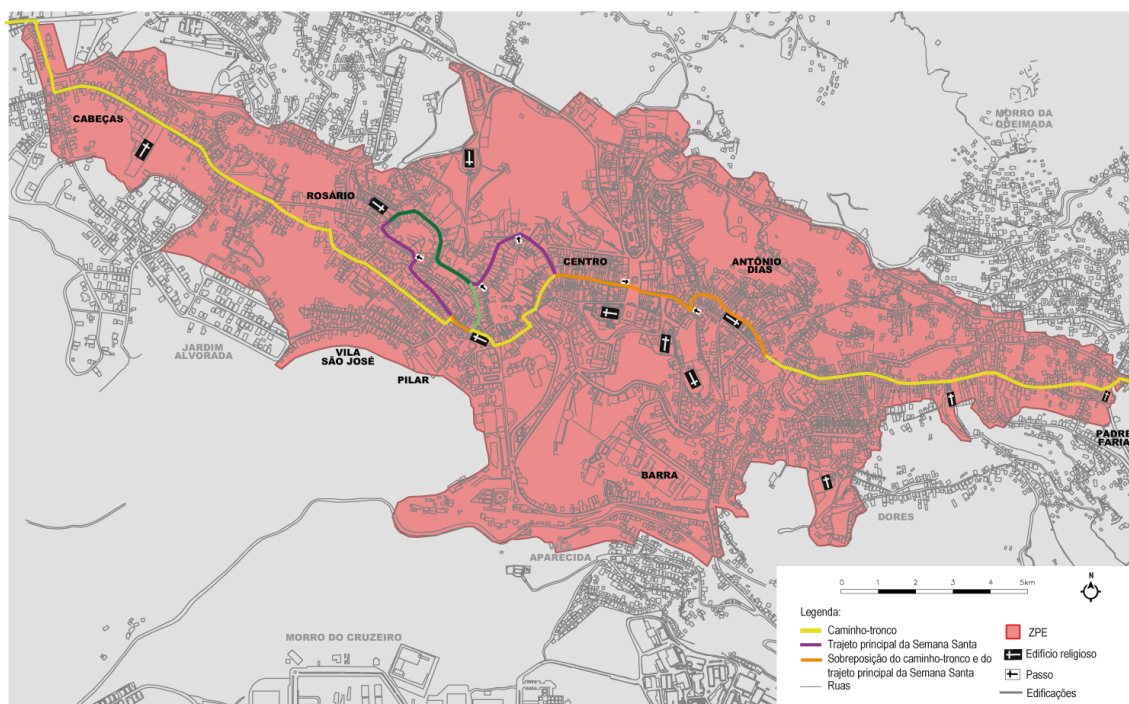


Figura 6. Sobreposição destrinchada (fonte: elaborada pelos autores)

Dessa forma, a análise espacial do trajeto da Procissão da Ressurreição revela não apenas a centralidade desse rito nas celebrações da Semana Santa, como também sua íntima relação com o percurso estruturante da cidade de Ouro Preto. A ampla sobreposição entre o caminho da procissão e o caminho-tronco evidencia a permanência simbólica e funcional de certas rotas no tecido urbano, revelando como a festa se ancora em bases materiais e históricas consolidadas. Mesmo o único desvio identificado – associado à Rua do Paredão – reforça a capacidade de adaptação da festa aos processos históricos de transformação urbana, reafirmando sua presença como prática viva e continuamente ressignificada. A espacialidade festiva, nesse sentido, opera como elemento articulador entre passado e presente, rito e cidade, tradição e urbanidade.

Conclusão

A análise do trajeto da Procissão da Ressurreição evidencia a centralidade desse rito nas celebrações da Semana Santa e sua íntima articulação com a estrutura urbana de Ouro Preto. A ampla sobreposição entre o percurso da procissão e o caminho-tronco demonstra a permanência simbólica e funcional de certos traçados históricos no tecido da cidade. Ao conectarem antigas

matrizes e atravessarem os núcleos fundadores, esses caminhos revelam uma cidade cuja forma se moldou, desde suas origens, em torno das práticas religiosas que ainda marcam o cotidiano.

Mesmo o único desvio identificado – no trecho que envolve a Rua do Triunfo – reforça essa relação dinâmica entre festa e cidade. Em vez de romper com a lógica tradicional, tal adaptação revela a capacidade das festividades de acompanhar os processos históricos e as transformações urbanas, mantendo-se como práticas vivas e continuamente ressignificadas.

Dessa forma, a espacialidade festiva não atua como mero pano de fundo, mas como componente ativo da experiência coletiva, refletindo e reafirmando a estrutura da cidade. Compreender o desenrolar da Semana Santa sobre esse traçado histórico permite reconhecer como as festividades religiosas participam da preservação e atualização da Morfologia Urbana, reinscrevendo sentidos e memórias nas ruas que percorrem.

Conclui-se, portanto, que o trajeto da Procissão da Ressurreição vai além da simples ligação entre os principais marcos simbólicos e religiosos de Ouro Preto – ele atua como um fio condutor que, a cada ano, resgata e reescreve a memória viva da cidade. Ao

percorrer caminhos históricos, o rito atualiza o passado no presente, reinscrevendo no espaço urbano a narrativa da sua formação.

Esse gesto ritual não apenas reafirma a fé da comunidade, mas também promove uma renovação simbólica da identidade urbana, fundindo religiosidade, paisagem e memória coletiva. Assim, a procissão não se limita ao âmbito do sagrado: ela participa ativamente da construção contínua do imaginário urbano, ao mobilizar e reativar os elementos fundadores da cidade colonial em um ciclo que se repete, mas nunca de forma idêntica.

Essas reflexões ampliam o entendimento sobre o papel estruturante das festividades religiosas na conformação e permanência das formas urbanas, especialmente em cidades históricas como Ouro Preto. Ao considerar os rituais como práticas espaciais que ativam, ressignificam e reforçam o traçado urbano, evidencia-se a necessidade de compreender o espaço não apenas como uma construção física, mas também como expressão simbólica e cultural.

Nesse sentido, torna-se fundamental adotar uma abordagem interdisciplinar que articule o urbanismo, a história e a antropologia, a fim de captar as múltiplas camadas de significado que se entrelaçam na produção e reprodução do espaço urbano. Os centros históricos, longe de serem apenas testemunhos materiais do passado, revelam-se como territórios vivos, marcados por práticas sociais que mantêm e renovam continuamente sua morfologia e identidade.

Notas

¹ Informações extraídas do opúsculo Triunfo Eucarístico, publicado em Portugal por Simão Ferreira Machado no ano seguinte da realização do evento. Uma edição online encontra-se disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8345>

Referências

Bandeira, M. (1938) *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes.

Fonseca, C. D. (2011) *Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Lopes, M. B. & França, T. F. (2024) “Revestindo os trajetos da fé: os 125 tapetes devocionais como marca da paisagem na Procissão da Ressurreição em Ouro Preto (MG)”, *Arquitextos*. <https://vitruvius.com.br/revistas/browse/arquitextos/24.286>

López-Gómez, J. C. (2023). “Shaping urban religious topography in the Iberian Peninsula between the fourth and sixth centuries”: “Coopetitive” rivalry and social power. *Religions*, 14(1124), 1-22. <https://doi.org/10.3390/rel14091124>

Pereira, E. (2017) *Patrimônios, tempos e “tradições” de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Centro Lúcio Costa/IPHAN.

Rego, R. L. & Meneguetti, K. S. (2011) A respeito de morfologia urbana: tópicos básicos para estudos da forma da cidade. *Acta Scientiarum. Technology*, 33(2), 123–127. <https://doi.org/10.4025/actascitechnol.v33i2.6196>

Salgado, M. (2010) Ouro Preto: paisagem em transformação. Trabalho final de graduação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Silva, J. B. S. B. da S. (2022) Proposta de requalificação da Praça Tiradentes - Ouro Preto/MG. Trabalho final de graduação. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto.

Torres, J. C. O. (1968) *História das ideias religiosas no Brasil: a Igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Editorial Grijalbo.

Vasconcellos, S. de (1956) *Vila Rica: formação e desenvolvimento – residências*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura.

Whitehand, J. W. R. (2001) “British urban morphology: the Conzenian tradition”. *Urban Morphology*, 5(2), 103-109. <https://doi.org/10.51347/jum.v5i2.3896>

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Sacred Paths: The influence of religious festivities on the urban morphology of Ouro Preto, a Brazilian colonial city

Abstract. During the Ancient Régime, the relationship between the Catholic Church and the State was intrinsic. Deeply tied to the formation of Brazilian colonial cities, the Church played multiple roles, including organizing social life and influencing the structuring of urban space. Religious festivities, in turn, reinforced this centrality by mobilizing the population around rituals and processions that traversed the city. In this context, the present research analyzes the influence of the Holy Week festivities in the municipality of Ouro Preto (MG) and their relationship with the axis that shaped the city's urban configuration until the mid-20th century. Through the method of relational analysis between urban morphology and festive practices, this study aims to demonstrate how religious celebrations influence and are influenced by the spatial configuration of the city, highlighting their importance in the formation and transformation of the urban fabric.

Keywords. Urban Morphology, religious festivities, main urban axis, Holy Week, Ouro Preto

*Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure.*

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

